

*Homens que são como Lugares mal Situados*  
Daniel Faria

1ª Edição: Porto: Fundação Manuel Leão, 1998.

Chão da Feira, Belo Horizonte, 2016.  
chaodafeira.com

Edição revista pela Comissão de Edição de Daniel Faria.  
A editora optou por seguir o texto reproduzido  
na edição de 2012 de *Poesia* (Lisboa, Assírio & Alvim).

Obra apoiada pela Direção-Geral do Livro,  
dos Arquivos e das Bibliotecas/Portugal.

# Homens que são como Lugares mal Situados

Daniel Faria

Examinemos um homem no chão  
Testemos a transformação de um homem por terra  
A sua natureza tão diferente da lava, a sua maneira mineral  
De adormecer.  
O que mais interessa é ver o seu lugar rodando para perceber o eixo  
Que o move no mundo  
Ou como pode a sua posição orientar as aves e os astros.

Interessa também a pedra que ele agarra como alimento  
Ou que mão escolhe para lhe servir de funda  
— se é que não usa a própria boca para lançar o grito.

Examinemo-lo quando desperta para percebermos de onde vem  
Para sabermos se o caminho se repete. Se abre os olhos  
Prontos a receber imagens ou então como alguém que desmaiou  
Ao chocar contra si próprio.  
Interessa perceber os motivos da colisão, se acaso  
Terá mastigado a pedra até a misturar no sangue.

Examinemos a sua semelhança com um meteoro que cai  
Uma fisionomia sem vocação para subir ao céu

O peso do seu corpo quando o nosso olhar o levanta.  
Interessa perceber o íman que cria para nós um lugar junto dele  
Um lugar dentro dele. Há um olhar que nos desloca —  
A placa giratória do amor?

Interessa também o coração que ele agarra como fruto que colhe  
Ou que veia abre no corpo para beber  
— se não é que é a pedra o que ele bebe com as mãos.

Examinemo-lo como quem sai de casa e vê o seu irmão  
Examinemo-lo voltado, em viagem, a orientação discreta  
De quem cava no peito a bússola.  
Interessa reparar como tropeça no mistério  
E se levanta a pedra para compreender.

Sei que o homem lavava os cabelos como se fossem longos  
Porque tinha uma mulher no pensamento  
Sei que os lavava como se os contasse

Sei que os enxugava com a luz da mulher  
Com os seus olhos muito claros voltados para o centro  
Do amor, na operação poderosa  
Do amor

Sei que cortava os cabelos para procurá-la  
Sei que a mulher ia perdendo os vestidos cortados

Era um homem imaginado no coração da mulher que lavava  
O cabelo no seu sangue

Na água corrente

Era um homem inclinado como o pescador nas margens para ouvir  
E a mulher cantava para o homem respirar

As mulheres aspiram a casa para dentro dos pulmões  
E muitas transformam-se em árvores cheias de ninhos — digo,  
As mulheres — ainda que as casas apresentem os telhados inclinados  
Ao peso dos pássaros que se abrigam.

É à janela dos filhos que as mulheres respiram  
Sentadas nos degraus olhando para eles e muitas  
Transformam-se em escadas

Muitas mulheres transformam-se em paisagens  
Em árvores cheias de crianças trepando que se penduram  
Nos ramos — no pescoço das mães — ainda que as árvores irradiem  
Cheias de rebentos

As mulheres aspiram para dentro  
E geram continuamente. Transformam-se em pomares.  
Elas arrumam a casa  
Elas põem a mesa  
Ao redor do coração.

O filho é o carrossel à volta da mãe  
O carrossel no coração da mãe  
A luz dos carrosséis e a música  
E leva a mãe no seu cavalo  
O cavalo gira à volta viúvo

A mãe é a festa sempre em luto  
Por isso aviva a luz como quem mergulha nela  
E conhece o escuro como quem já só faísca  
Na criança  
E procura um brilho, o metal que não oxida

Eles são uma roleta em voltas sucessivas  
O tambor de um revólver  
O estoiro de uma bala repentina

A viuvez é um buraco no centro da cabeça  
A família é um buraco absurdo sobre a casa  
— uma gruta sem acesso —  
Há um cadáver nos olhos do acaso  
Cheira a pólvora como o instante que dispara  
E está imóvel como um dia sem saída

O carrossel tem um cavalo que galopa  
O menino tem as rédeas e espera  
A idade da despedida

Homens que são como lugares mal situados  
Homens que são como casas saqueadas  
Que são como sítios fora dos mapas  
Como pedras fora do chão  
Como crianças órfãs  
Homens sem fuso horário  
Homens agitados sem bússola onde repousem

Homens que são como fronteiras invadidas  
Que são como caminhos barricados  
Homens que querem passar pelos atalhos sufocados  
Homens sulfatados por todos os destinos  
Desempregados das suas vidas

Homens que são como a negação das estratégias  
Que são como os esconderijos dos contrabandistas  
Homens encarcerados abrindo-se com facas

Homens que são como danos irreparáveis  
Homens que são sobreviventes vivos  
Homens que são como sítios desviados  
Do lugar

## Homens que são como Lugares mal Situados

### Homens que são como lugares mal situados

<i>Examinemos um homem no chão . . . . .</i>	9
<i>Sei que o homem lavava os cabelos como se fossem longos . . . . .</i>	11
<i>As mulheres aspiram a casa para dentro dos pulmões . . . . .</i>	12
<i>O filho é o carrossel à volta da mãe. . . . .</i>	13
<i>Homens que são como lugares mal situados . . . . .</i>	15
<i>Homens que são como projectos de casas . . . . .</i>	16
<i>Homens que trabalham sob a lâmpada . . . . .</i>	17
<i>Não levantemos os homens que se sentam à saída . . . . .</i>	18

### Mas basta-me um quadrado de sossego

<i>Amanhecemos sem materiais suficientes para a luz total . . . . .</i>	21
<i>Repito que vivo enclausurado na agilidade de um animal nascido . . . . .</i>	23
<i>É por isso que adormeço numa luz em movimento . . . . .</i>	24
<i>Há muitos metros entre um animal que voa . . . . .</i>	25
<i>Foi um tempo branco, repetidamente lavado nas próprias mãos . . . . .</i>	26
<i>Tornei-me peso . . . . .</i>	28
<i>Dinamitei depois tudo o que em mim tinha forma de aquário . . . . .</i>	30
<i>Agora és um animal que pensa . . . . .</i>	31

Para encontrar o golpe no sono

<i>Acordei com as narinas a sangrar um perfume</i> . . . . .	35
<i>Acordei também com os pássaros</i> . . . . .	35
<i>Ela pôs-me o dedal sobre os olhos</i> . . . . .	36
<i>Acordei dentro do poço</i> . . . . .	36
<i>Trinqueei o vidro e ouvi o coração da mulher estalar</i> : . . . . .	37
<i>Ela sorveu-me o sangue, curou-me a boca</i> , . . . . .	37
<i>Acordei dentro desse pensamento como um homem salvo</i> . . . . .	37
<i>E eu disse à mulher: destece-me</i> . . . . .	38
<i>Assemelhei-me a um xilofone de silêncio</i> . . . . .	38
<i>Debrucei-me sobre a meada estreita, o estreito poço</i> . . . . .	38
<i>A mulher lançou a sua mão</i> . . . . .	39
<i>A mulher guardou-me no útero</i> . . . . .	39
<i>Acordei com os olhos comidos como um corpo depois de sepultado</i> . . . . .	40

Se fores pelo centro de ti mesmo

Sara . . . . .	43
A escrava de Sara . . . . .	44
Separação de Abraão e Lot . . . . .	45
A morte de Jonatas . . . . .	46
Sarepta . . . . .	47
Eliseu . . . . .	48
Sunam . . . . .	49
Junto dos rios da Babilónia. . . . .	50

O regresso dos rios da Babilónia. . . . .	51
Elogio da mulher . . . . .	52
Coeleth . . . . .	53
Raquel. . . . .	54
Lamentações . . . . .	55
Ezequiel. . . . .	57
A mulher adúltera . . . . .	58
Filho pródigo. . . . .	59
Zaqueu . . . . .	60
Charles de Foucauld. . . . .	61

Uma espécie de anjo ferido na raiz

<i>Examinemos também a escrita</i> . . . . .	65
<i>Um pulso aberto não dói mais</i> . . . . .	66
<i>Conserto a palavra com todos os sentidos em silêncio</i> . . . . .	68
<i>Falo daquilo que vejo, embora possas pensar que sou um cego</i> . . . . .	69
<i>Entrei na sombra como alguém que via</i> . . . . .	70
<i>Alguma coisa trazia a candeia para dentro — havia uma noite dentro de casa —</i> . . . . .	71
<i>Existia, no entanto, um poema a recuar</i> . . . . .	72

Para o instrumento difícil do silêncio

<i>Trago os instrumentos do fogo</i> . . . . .	77
<i>Mas tu existes</i> . . . . .	78
<i>Mas tu cresces abundante como um ano bom</i> . . . . .	79

<i>Porque a morte tem o seu tempo . . . . .</i>	80
<i>És o pé de criança sobre o meu pé. . . . .</i>	81
<i>De veres o meu lugar. De me veres só. . . . .</i>	83
<i>Há uma palavra pessoa . . . . .</i>	86
<i>Este é o dia novo. Sei-o pelo desejo . . . . .</i>	87
<i>Se o fogo destruir a casa . . . . .</i>	88
<i>Cruz, rosa . . . . .</i>	90

*Homens que são como Lugares mal Situados* foi publicado no verão de 1998, quando Daniel Faria tinha vinte e sete anos. Viria a morrer cerca de um ano depois, no Mosteiro Beneditino de Singeverga, onde era então noviço. Publicou este e outros livros reunidos desde 2003 no volume *Poesia*. Agradecemos aos herdeiros do poeta e à Comissão de Edição de Daniel Faria. Este livro foi composto nas fontes Swift e Minion Pro, em papel Pólen Soft 80 g/m<sup>2</sup>, e a gráfica O Lutador imprimiu 500 exemplares no mês de março de 2016, em Belo Horizonte. O projeto gráfico é de Luísa Rabello.